

Planejado e editado sob os efeitos pandêmicos causados pela disseminação da covid-19, este exemplar encontra-se mais enxuto que os anteriores. As dificuldades advindas da pandemia forçaram a contenção do número de artigos e textos publicados aqui. Mesmo assim, trabalhamos com empenho nesta edição, oferecendo reflexões que, na continuidade da edição anterior, foram produzidas sob o efeito do isolamento social a que todos nos submetemos desde o início de 2020. Com natural entusiasmo pela promessa da reabertura, elas apontam caminhos possíveis para a escrita literária.

Abrimos a revista com um levantamento inédito e abrangente sobre a história do ensino da Escrita Criativa no Brasil. Carolina Zuppo Abed, docente da pós-graduação Formação de Escritores, escritora e doutoranda em escrita criativa na USP, fez uma pesquisa apurada das primeiras oficinas de escrita em solo brasileiro e acompanhou os desdobramentos da maturação da Escrita Criativa como disciplina acadêmica até os dias de hoje. Existem 18 programas de escrita, de graduação, pós-graduação lato-sensu, mestrado e doutorado em atividade no país e espalhados por dez Estados da Federação. São Paulo, onde fica o campus do Instituto Vera Cruz, é o Estado com o maior número de programas acadêmicos de escrita: tem 4; seguido do Rio de Janeiro, com 3. Em seu artigo “Presença da escrita criativa no Brasil”, Abed fez também um levantamento bibliográfico de livros sobre escrita publicados no Brasil. São mais de 30 títulos, do final do século 19 até hoje. Dentre eles, obras de escritores como José Alencar e Autran Dourado com reflexões sobre o ofício, e outros, de também escritores, sobre o ensino e a aprendizagem da escrita, com os de Raimundo Carrero, Luiz Antonio de Assis Brasil, Charles Kiefer e Nelson de Oliveira.

O artigo aponta para os desafios na consolidação da área como disciplina acadêmica, a necessidade de mais estudos sobre a prática do ensino no Brasil, e o caminho natural de reconhecimento da Escrita Criativa como prática a ser adotada também em outros segmentos de ensino, como o Fundamental e o Médio.

O segundo artigo desta edição também está ligado, de certa forma, à maturidade do campo no Brasil. Marina Soares Nogara, que escreve a respeito de um recurso empregado por Ian McEwan em seu *Reparação* (2002), é graduada e mestranda em Escrita Criativa pela PUC do Rio Grande do Sul, um dos cursos pioneiros na área no Brasil. Em “O equívoco interpretativo de Briony Tallis”, Nogara repassa um dos livros mais famosos de McEwan, a fim de compreender como o erro de avaliação de uma personagem pode ser utilizado como elemento estruturante do romance e, assim, mimetizar a parcialidade de nossos julgamentos. Se a nossa mente é essencialmente fabuladora, escreve Nogara, “constantemente imersa na criação de narrativas destinadas a preencher as lacunas provenientes da realidade”, está dada então a condição natural para o surgimento das falhas de interpretação motivadoras de tantas narrativas.

Nesta edição, trazemos também uma versão da 5ª Conferência Vera Cruz sobre Escrita, realizada pelo escritor Ricardo Azevedo, em novembro de 2020 (<https://youtu.be/5ks-FCMwVj0>): “Literatura infantil e juvenil, discurso popular e modernidade”. Azevedo trata, de modo lúcido e sensível, da difícil tarefa de pensar a literatura em meio a uma sociedade tão desigual e injusta como a nossa. Em diálogo com os filósofos Hannah Arendt, Hans-Georg Gadamer e Jürgen Habermas, dentre outros, Azevedo discute conceitos como subjetividade, autonomia, igualdade e liberdade, e analisa como se constituem a literatura e o escritor no contexto descrito, a partir de sua experiência de escritor e de sua pesquisa acadêmica sobre contos e discursos populares.

Para Azevedo, os escritores e escritoras em atuação no Brasil hoje teriam dois caminhos possíveis: “o que parte dos recursos do modelo cultural dominante e escolarizado” e “o que parte do modelo popular baseado na oralidade e, portanto, no contato situado face a face”. E provoca: “Sei que o discurso da arte sempre foi ligado ao desvio da norma e a uma certa exceção. Mas quero ressaltar um modelo hegemônico que valoriza excessivamente a exceção e despreza solenemente qualquer tipo de regra ou convenção. Numa sociedade individualista e consumista, com fortes marcas escravocratas como a nossa, isso, creio eu, pode resultar em arroubos narcisistas equivocados e simulacros seja das literaturas, seja das artes. [...] num país onde a contemporaneidade faz conviver os séculos 18, 19, 20 e 21, o elogio do discurso elitista acessível apenas a poucos iniciados parece ter tudo a ver com a sociedade desigual nele instalada”.

Por fim, publicamos dois textos em prosa: “40 quilos”, de Adilson Zambaldi, uma ficção curta e impactante, que pede para não ser sumariada; e “A velha armadilha”, de Rebecka Landim Rafael, que, a partir de uma experiência pessoal, reflete sobre a emigração e sua motivação nos diferentes contextos sociais e políticos, especialmente no Brasil dos dias atuais. Ambos, escritor e escritora, são alunos dos núcleos de Ficção e Não Ficção Literária, respectivamente, da pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.

Foi este o material que selecionamos para a 6ª edição da revista *Revera – Escritos de Criação Literária do Instituto Vera Cruz*. Com ele, desejamos uma boa leitura. ■

Os editores